

**Reflexões críticas de mídia no romance “Americanah”:
fluxos e contrafluxos, territórios e impérios de informação**

*Critical reflections of media on the novel “Americanah”:
flow and contra-flow, territories and information empires*

Ana Carla Ferreira Longo MORAES¹

Resumo

Este artigo se desenvolve a partir das reflexões de mídia presentes no romance “Americanah” (2014), da autora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie. Tendo como base os conceitos de *território, fluxos e contrafluxos de mídia e impérios de informação*, discute-se a inserção de temas como o conteúdo das mídias, imigração, cultura, gênero, raça e identidade. Através da história da protagonista, Ifemelu, a autora apresenta observações que impulsionam o olhar crítico para as mídias. A personagem é uma nigeriana que vai morar nos Estados Unidos, onde estuda comunicação e cria um blog. Com o objetivo de entender como a autora desenvolve essas reflexões, destacaremos trechos do texto e aspectos relevantes da obra que dialogam com as questões abarcadas pelo campo da comunicação.

Palavras-chave: Fluxos de mídia. Cultura. Literatura africana. Americanah.

Abstract

This article develops from reflections of media present in the novel “Americanah” (2014), by the Nigerian author Chimamanda Ngozi Adichie. Based on the concepts of *territory, media flows and contra-flows and information empires*, it is discussed the inclusion of themes such as media content, immigration, culture, gender, race and identity. Through the story of the protagonist, Ifemelu, the author presents observations that promote a critical look at the media. The character is a Nigerian woman who moves to the United States, where she studies communication and creates a blog. In order to understand how the author develops these thoughts, we will highlight excerpts from the text and relevant aspects of the work that dialogue with the issues addressed by the field of communication.

Keywords: Media Flows. Culture. African Literature. Americanah.

¹ Mestranda do Curso de Comunicação Social do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGCOM-UERJ). Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). E-mail: carlaanasc3292@gmail.com

Introdução

O romance “Americanah” (2014), publicado pela autora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, conta a história de Ifemelu, uma jovem nigeriana que se muda para os Estados Unidos, onde estuda comunicação. Ao deixar Lagos, nos anos 1990, em meio a uma ditadura militar e às greves da faculdade, Ifemelu depara-se com a questão de raça nos Estados Unidos. Boa parte da história se desenvolve a partir do relacionamento de Ifemelu com Obinze, seu primeiro amor, que também vive a experiência de ser um imigrante, mas na Europa.

Percorrendo acontecimentos da infância, adolescência e vida adulta da personagem, o livro discorre sobre temas como imigração, raça, gênero e identidade. As experiências de Ifemelu carregam marcas culturais do seu país de origem, que entram em conflito com a cultura na qual passa a viver. A protagonista encontra dificuldades para conseguir emprego e para se adaptar aos ambientes. Quinze anos depois, Ifemelu é uma escritora de sucesso e escreve para o seu próprio blog, inicialmente chamado *Raceteenth ou Observações Curiosas de uma Negra Não Americana sobre a Questão da Negritude nos Estados Unidos*. Ainda assim, decide voltar à Nigéria, em busca de parte da sua vida que deixou para trás, agora em um país diferente do que conhecia quando partiu.

O livro traz um relato ficcional sensível sobre as dificuldades de ser uma mulher negra africana nos Estados Unidos e, por isso, dialoga muito com a realidade. A própria autora mudou-se para os Estados Unidos aos 19 anos, onde se graduou em Comunicação e Ciência Política e depois fez mestrado em Escrita Criativa e em História da África².

“Americanah” é um romance calcado ora na ficção, ora na realidade. Expõe uma Nigéria ditatorial e um EUA racista, ao mesmo tempo em que constrói a história de amor de Ifemelu e Obinze sem se limitar aos relatos que envolvem os dois, mas explorando também suas questões pessoais e culturais.

Este trabalho tem como aparato teórico os conceitos de *território*, *fluxos e contrafluxos de mídia* e *impérios de informação*, levando em conta que, em “Americanah”, Chimamanda Adichie possibilita pensar criticamente a mídia, através de falas, reflexões e atitudes da protagonista. Com o objetivo de entender como isso é

² Ver: <https://www.chimamanda.com/about/>. Acesso em: 05 jul. 2022.

explorado pela autora, destacaremos aqui alguns trechos do texto e elementos da obra a fim de fomentar diálogos entre literatura e comunicação.

Territórios, fluxos de mídia e impérios

Como vimos, a história de Ifemelu é marcada pela questão da territorialidade. Haesbaert e Porto-Gonçalves (2006, p. 13-14) explicam que a divisão do mundo em Estados, com fronteiras entre países, é “uma *invenção* histórica europeia que, depois, se generalizou para o mundo como parte do colonialismo e do imperialismo”, o que eles chamam de “sistema-mundo moderno-colonial”. Segundo eles, *território* é também abrigo e proteção. Por isso, nomear cada lugar “é um modo de nos apropriarmos do espaço, de nos territorializarmos”.

Os autores afirmam que a geopolítica atual se constitui em um duplo movimento articulado: um no *front* interno e um no *front* externo. Este último se dá mediante a conquista colonial, a escravidão com fins mercantis na América, o deslocamento forçado de negros da África, a quase dizimação indígena e a invenção pela modernidade da colonialidade (HAESBAERT; PORTO-GONÇALVES, 2006, p. 18). É essa dinâmica que torna possível pensar no mundo como conhecemos hoje, com suas fronteiras e países formados e constituídos sob uma lógica colonial de dominação e disputa de poder.

Podemos, assim, dialogar com as ideias de Eliza Araújo (2007, p. 11), que levanta o conceito de diáspora para falar da obra de Chimamanda Adichie. A autora entende diáspora como se tratando da “movência, não restrita a povos africanos, e da formação de comunidades diaspóricas, complexas e plurais [...] incapazes de serem determinadas por uma única categorização/classificação”. A autora cita Edward A. Alpers (apud ARAÚJO, 2007, p. 11) para explicar que a diáspora tem cunho histórico e cultural e essas movências de um lugar a outro podem ser forçadas ou não, mas é importante ter em vista que as comunidades diaspóricas continuam conectadas à cultura natal.

No romance de Chimamanda Adichie, Ifemelu transita entre seu país de origem e o território estrangeiro, sendo por isso um sujeito da diáspora, que experiencia essa movência entre territórios descobrindo-se negra nos EUA. Nesse novo espaço é que ela percebe que sua raça tem implicações diferentes do seu país de origem. E essa não é a única consequência do trânsito entre territórios, Ifemelu se depara com dilemas entre manter seu sotaque ou aderir ao sotaque norte-americano, a novas práticas culturais,

formas de se vestir, de falar e se comportar nos lugares. Além disso, as próprias condições para se manter legalmente no país mostram-se desafiadoras.

As questões territoriais e de raça sentidas por Ifemelu estão perpassadas pela lógica colonial e imperialista sob a qual o mundo foi demarcado e dividido. Marcelo Lopes de Souza (2009) corrobora com essa ideia ao explicitar como a definição de *território* perpassa pela questão do poder:

O que “define” o território é, em primeiríssimo lugar, o *poder* – e, nesse sentido, a dimensão política é aquela que, antes de qualquer outra, lhe define o perfil. Isso não quer dizer, porém, que a cultura (o simbolismo, as teias de significados, as identidades...) e mesmo a economia (o trabalho, os processos de produção e circulação de bens) não sejam relevantes ou não estejam “contemplados” ao se lidar com o conceito de território [...] (SOUZA, 2009, p. 59).

O autor evidencia como o poder é primordial na definição da questão territorial, ainda que isso esteja atrelado à cultura e à economia, que também devem ser consideradas. Souza (2009, p. 62) problematiza a associação exclusiva ou quase exclusiva de *território* à ideia de Estado-nação, tendo em vista que essa legitima uma determinada fonte de poder, demarcada no “território nacional” pelo Estado. O autor afirma, ainda, que *territórios* são “relações sociais projetadas no espaço” (apud SOUZA, 2009, p. 65). Por isso, relações e disputas de poder acabam por definir espaços, fronteiras e diplomacias, além de práticas culturais e econômicas.

É a partir disso que podemos pensar em *fluxos de mídia*. Apesar dos EUA terem sido colonizados na formação do “sistema-mundo moderno-colonial”, o país ocupa uma posição de destaque na dinâmica global, sobretudo quando falamos de mídia. Miyase Christensen cita McMillin (apud CHRISTENSEN, 2013, p. 2402) para explicar que o termo “global” com frequência foca nos EUA, Reino Unido e nos fluxos de mídia norte-americanos. Herbert Schiller (apud CHRISTENSEN, 2013, p. 2403) afirma ainda que a colonização do Ocidente encontra novas formas de vida hoje através dos filmes e programas de televisão, uma forma de *imperialismo cultural*.

Esses autores dialogam com a ideia aqui presente de que *território* e poder delimitam mais do que o espaço físico e geográfico, subjetividades e cultura, mas também a disseminação e o consumo de produtos de mídia. Daya Thussu (2007, p. 10) mapeia que os *fluxos dominantes de mídia* são, em sua maioria, emitidos do Norte global, principalmente dos EUA. Já os *contrafluxos* são originados das antigas periferias das

indústrias de mídia. Ainda assim, há assimetrias e um impacto restrito na distribuição desses *contrafluxos* pelo mundo (THUSSU, 2007, p. 25), enquanto, por exemplo, os EUA é o líder de exportação de bens culturais (THUSSU, 2007, p. 13).

É nesse sentido que podemos dialogar com a ideia de *império*, de Harold Innis, explicitada na introdução do seu livro, “The Bias of Communication” (2008), pelos autores Paul Heyer e David Crowley:

Com o pretexto de dar maior acesso e democratizar a informação, eles [os meios eletrônicos modernos de comunicação] podem consolidar modos de dominação que de certa forma se assemelham ao que ocorreu em épocas anteriores. São as nações ricas e poderosas capazes de explorar essa tecnologia até seus limites que, sob o pretexto de disponibilizá-la a outros, estendem seus impérios de informação. Talvez a melhor maneira de apreciar a ligação que Innis tinha em mente entre informação e império possa ser vista em seu conceito de monopólio do conhecimento, que ele às vezes chamou de monopólio cultural do conhecimento. (HEYER; CROWLEY, 2008, p. 35, tradução da autora)³

Dessa forma, por mais que o avanço das tecnologias da comunicação tenha um potencial democratizador e descentralizante, as nações mais poderosas são as que possuem os melhores meios de explorá-lo, como tem sido com os outros meios ao longo da história. Innis constata ainda que, nesse contexto, a informação assumiu o papel de mercadoria e “as tendências de distribuição da informação em direção aos monopólios do conhecimento criaram outro tipo de relação de dependência entre o centro e as margens” (HEYER; CROWLEY, 2008, p. 29, tradução da autora)⁴. Por isso, são as nações do *centro* que, em maior medida, tornam-se propulsoras dos *fluxos dominantes de mídia* e expandem seus *impérios de informação* para as *margens*.

Toda essa teorização feita até aqui estabelece o suporte sobre o qual as reflexões acerca da obra de Chimamanda Adichie serão abarcadas daqui em diante, levando em

³ No original: “In the guise of giving greater access to, and democratizing information, they [modern electronic communications] can entrench modes of domination that in some ways resemble what took place in previous epochs. It is the rich and powerful nations able to exploit this technology to its limits who, in the guise of making it available to others, extend their information empires. Perhaps the best way of appreciating the link Innis had in mind between information and empire can be seen in his concept of the monopoly of knowledge, which he sometimes called a cultural monopoly of knowledge.”

⁴ No original: “the tendencies of information distribution toward monopolies of knowledge created another kind of dependency relationship between the centre and the margins.”

consideração o contexto do enredo de trânsito entre territórios e, por isso, a percepção sobre os fluxos e conteúdos da mídia.

O olhar de Ifemelu e Obinze: os noticiários nos EUA e os jornais na Inglaterra

O estranhamento que o território estrangeiro causa nos personagens de “Americanah” se apresenta de várias formas durante a narrativa. Uma delas é através do conteúdo midiático. Quando Ifemelu vai para os Estados Unidos, passa um tempo na casa da sua Tia Uju, que havia imigrado anos antes. A jovem estranha as mudanças no comportamento da tia, que vem se moldando e se adequando ao país. O livro expõe o temor de Ifemelu de esquecer suas origens, na mesma medida em que ela teme não conseguir se encaixar. Na casa da tia, Ifemelu passa parte do seu tempo assistindo à programação da televisão:

Acompanhava os programas que via na Nigéria – *Um Maluco no Pedaco*, *A Different World* – e descobria novos – *Friends*, *Os Simpsons* –, mas eram os comerciais que a encantavam. Ifemelu ansiava pela vida que mostravam, cheia de alegria, onde todos os problemas tinham soluções cintilantes na forma de xampus, carros e comidas embaladas. (ADICHIE, 2014, p. 125)

Nesse trecho, podemos notar que a protagonista já possuía familiaridade com algumas das séries de televisão dos EUA, o que ilustra a presença dos *fluxos dominantes de mídia* na Nigéria. Contudo, ali passa a ter contato com novos programas e, ainda mais, passa a encantar-se pelo estilo de vida disseminado pelos comerciais. Através da televisão, os EUA incentivavam uma forma de felicidade delineada por padrões de consumo. Os comerciais, como destacado na obra, pareciam oferecer fórmulas para a solução dos problemas e uma forma rápida de alcançar uma vida cheia de alegria, ainda que fosse uma alegria baseada em ideais capitalistas.

Já quando se tratava dos noticiários, Ifemelu se espantava. O modelo norte-americano de transmissão de notícias é descrito no livro, sobretudo, pelo predomínio de pautas de violência:

A princípio o noticiário da noite a confundia, uma ladainha de incêndios e tiroteios, porque estava acostumada ao noticiário do NTA, em que oficiais do Exército arrogantes cortavam fitas de inauguração ou faziam discursos. Mas, conforme foi assistindo todas as noites às imagens de homens algemados sendo arrastados, de famílias desesperadas diante de casas queimadas, dos destroços de carros que haviam batido durante

perseguições da polícia, de vídeos fora de foco de assaltos a lojas, a confusão se transformou em preocupação. Ela entrava em pânico quando ouvia um som vindo de fora [...] (ADICHIE, 2014, p. 125).

Esse trecho levanta a discussão sobre as escolhas entre o que é noticiado ou não no telejornalismo. Teresa Cristina Neves (2005, p. 7) fala de um modelo de *jornalismo-espetáculo*, que tem sua origem no jornalismo norte-americano, especialmente o audiovisual. Nesse contexto, segundo a autora, a televisão agregaria à função de informar o objetivo de entreter, valendo-se do sensacionalismo e do escândalo para atrair a atenção do público: “O sofrimento alheio ganha evidência tanto com a valorização de episódios trágicos ou sangrentos (como desastres, crimes, catástrofes, atentados, epidemias, etc.), quanto por meio do relevo conferido às mazelas cotidianas, sejam individuais, sejam coletivas.”

Chimamanda Adichie traz, então, um estímulo à reflexão sobre a forma como os conteúdos noticiosos são construídos. Em seguida, vendo o medo de Ifemelu, Tia Uju ri e alerta: “Se você continuar a ver televisão, vai achar que essas coisas acontecem o tempo todo. Você sabe quantos crimes acontecem na Nigéria? É só que a gente não noticia como eles fazem aqui” (ADICHIE, 2014, p. 125). Essa fala deixa clara a intenção da autora de inserir uma leitura crítica da mídia na narrativa.

Além disso, a menção, nesse trecho, da *Nigerian Television Authority* (NTA)⁵, maior rede de televisão da África, evidencia o choque entre culturas e territórios. Cabe ressaltar novamente que, quando Ifemelu deixa a Nigéria, o país está vivendo uma ditadura militar, o que justifica a descrição feita nessa passagem do tipo de conteúdo televisionado lá, que transmitia discursos e eventos com figuras de destaque do Exército. Esse tipo de abordagem possui um teor propagandístico em relação ao governo.

Outro episódio interessante envolve Obinze, vivendo como imigrante na Inglaterra. Em uma das cenas descritas no livro, o personagem está no metrô e observa o jornal que a mulher sentada à sua frente está lendo:

A manchete era FALEM INGLÊS EM CASA, DIZ BLUNKET A IMIGRANTES. Ele imaginou o artigo. Havia tantos assim nos jornais e apenas repetiam o que era dito no rádio e na televisão e até na conversa de alguns homens do depósito. O vento que soprava nas Ilhas Britânicas estava impregnado do cheiro do medo de quem pedia asilo, infectando a todos com o pânico de uma catástrofe iminente. Assim, esses artigos eram escritos e lidos, de forma simples e histórica, como se seus autores

⁵ Ver: <https://nta.ng/>. Acesso em: 07 mar. 2023.

vivessem num mundo onde o presente não tinha ligação com o passado e nunca tivessem considerado que esse era o curso normal da história: a chegada em massa à Inglaterra de negros vindos de países criados pelo Reino Unido. Mas Obinze entendia. Só podia ser reconfortante negar a história daquela maneira. (ADICHIE, 2014, p. 281)

Mais uma vez, Chimamanda Adichie descreve o impacto da questão territorial através da observação do conteúdo das mídias pelos personagens. Pode-se pensar novamente nas escolhas dos veículos de comunicação ao construírem suas mensagens e, mais ainda, na contribuição desses para que nações poderosas continuem construindo seus *impérios de informação* e cultura. Obinze critica a forma como os conteúdos se repetem no rádio, na TV e nos jornais, influenciando as conversas nos ambientes de trabalho e retratando os imigrantes de forma injusta.

É possível dialogar com a palestra da autora “O Perigo de Uma História Única” (2009)⁶, tendo em vista que esse jornal descrito na obra seria apenas uma versão dos acontecimentos e, por isso mesmo, desperta a indignação do personagem. “É assim que se cria uma história única: mostre um povo como uma coisa, uma coisa só, sem parar, e é isso que esse povo se torna.” Chimamanda Adichie reflete sobre o exercício de poder que é a habilidade de contar a história de outra pessoa como se fosse a definitiva. O que pode acontecer na literatura, nas mídias, nos produtos culturais. E é o que acontece na forma como os imigrantes são retratados nos jornais britânicos em “Americanah”.

A autora explica que a história única cria estereótipos e esses são incompletos. Assim, ela roubaria a dignidade das pessoas. Portanto, é possível considerar que Chimamanda Adichie cria, em suas obras, histórias que vão além dessa história única. “As histórias importam. Muitas histórias importam. As histórias foram usadas para espoliar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar.” É esse tipo de inquietação que a autora coloca em prática na literatura. Por conseguinte, sua obra também pode ser pensada como exemplo de *contrafluxo*, já que ela apresenta outras narrativas, contra-hegemônicas, sobre personagens africanos, suas culturas e a possível idealização da vida no estrangeiro.

⁶ Palestra ministrada por Chimamanda Adichie para o *TED Talk*, em 2009. Publicada pela editora *Companhia das Letras*, em 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=D9Ihs241zeg>. Acesso em: 12 jul. 2022.

Nollywood e contrafluxo de comunicação

Em uma das primeiras cenas descritas no livro, Ifemelu vai fazer tranças no cabelo antes de voltar para a Nigéria. Assim que entra no *Salão Especializado em Tranças Africanas Mariama*, um salão de mulheres africanas que, como ela, vivem como imigrantes nos Estados Unidos, Ifemelu se depara com filmes nigerianos na televisão: “Havia uma pequena televisão presa na parede num dos cantos, com o volume um pouco alto, na qual passava um filme nigeriano: o homem batia na mulher, que se encolhia e gritava. A qualidade do áudio era tão ruim que Ifemelu se assustou.” (ADICHIE, 2014, p. 16-17)

A exposição desse ponto de vista evidencia o impacto do contato da personagem com filmes estrangeiros, que questiona a qualidade das produções nigerianas e, ainda, traz à tona a questão de gênero, outro eixo temático essencial na construção da obra, ao descrever as cenas de violência exploradas no filme. Ifemelu observa os filmes de maneira crítica, tanto em relação ao conteúdo, quanto em relação à sua forma e recursos técnicos: “O novo filme tinha trailers, cenas cortadas de forma grosseira e separadas uma das outras por lampejos de luz. Cada um deles terminava com uma voz nigeriana masculina, teatral e alta, dizendo: ‘Compre uma cópia já!’” (ADICHIE, 2014, p. 113)

Em outro momento, uma das funcionárias do salão comenta sobre os filmes e elogia: “Agora, filme da Nigéria é muito bom” (ADICHIE, 2014, p. 20). Apesar de Ifemelu não apreciar aqueles filmes, resolve concordar com a outra mulher. A protagonista vê naquilo um resquício de casa, em meio ao território que, mesmo após tantos anos, ainda é estrangeiro.

Ifemelu não tinha grande apreço pela indústria cinematográfica da Nigéria, a chamada Nollywood, com seu histrionismo e seus enredos improváveis, mas ela assentiu, porque ouvir “Nigéria” e “bom” na mesma frase era um luxo, mesmo vindo dessa estranha mulher senegalesa. Ifemelu escolheu ver naquilo um augúrio de sua volta para casa. (ADICHIE, 2014, p. 20)

Essa inserção dos filmes de Nollywood na história é um exemplo, ainda que sutil, de *contrafluxo de mídia*. O espaço do salão ilustra a ideia de que, apesar do impacto da cultura dominante, as comunidades diaspóricas continuam conectadas a sua cultura e identidades de origem. Thussu (2007, p. 22) corrobora com essa ideia ao afirmar que uma

das razões para o aumento do contrafluxo de mídia é o movimento de pessoas entre regiões geográficas no mundo todo, gerando um processo de “desterritorialização”.

É justamente o processo de imigração que cria ali, em território norte-americano, um espaço onde a cultura africana se personifica nas personagens do salão. Trabalhando com tranças e assistindo a filmes nigerianos, elas continuam a se relacionar com a cultura do seu continente natal, ainda que haja diferenças identitárias entre elas.

As revistas femininas e o blog de Ifemelu: fluxo e contrafluxo de comunicação

Toda a vivência de Ifemelu nos EUA, atravessada por questões de identidade, gênero e raça, a leva até o momento em que decide criar seu blog. O acontecimento que é o ponto de partida para isso surge do relacionamento da protagonista com um homem branco, chamado Curt. Em determinado momento da história, ele questiona a edição de uma revista que vê no apartamento dela, intitulada *Essence*, afirmando que a “revista é meio racialmente tendenciosa” (ADICHIE, 2014, p. 319) por só ter mulheres negras.

Ifemelu decide levá-lo, então, a uma livraria, pega edições de todas as revistas femininas dispostas na prateleira e sugere que eles contem quantas mulheres negras há nelas:

[...] três mulheres negras em cerca de duas mil páginas de revistas femininas, e todas são mestiças ou racialmente ambíguas, de modo que também poderiam ser italianas, porto-riquenhas ou sei lá. Nenhuma tem a pele escura. Nenhuma se parece comigo, então eu não posso pegar dicas de maquiagem nestas revistas. Olhe, este artigo diz que você deve beliscar as bochechas para ficar corada, porque supõe que todas as leitoras da revista têm uma pele que fica corada desse jeito. Este aqui fala em produtos para o cabelo de *todas* – e ‘todas’ significa louras, morenas e ruivas. Eu não sou nada disso. E este fala dos melhores condicionadores – para cabelo liso, cacheado e encaracolado. Não crespo. Está vendo o que eles chamam de cabelo encaracolado? Meu cabelo nunca fica assim. Este aqui fala de combinar a cor de seus olhos com a cor da sombra – olhos azuis, verdes e castanho-esverdeados. Mas meus olhos são negros, então eu não sei que sombras funcionam para mim. Este diz que este batom rosa é universal, mas eles querem dizer universal se você for branca, porque eu ia parecer uma palhaça se tentasse usar esse tom. Ah, veja, aqui temos algum progresso. Um anúncio de base para o rosto. Tem sete tons diferentes para pele branca e um tom genérico de chocolate, mas isso já é um progresso. Agora vamos conversar sobre racialmente tendencioso. Está entendendo por que uma revista como a *Essence* existe? (ADICHIE, 2014, p. 320)

Esse trecho, além de evidenciar a questão racial sofrida por Ifemelu, faz uma leitura crítica detalhada dos conteúdos das revistas femininas, dando exemplos que podem ser facilmente encontrados na realidade. Exemplos de como *fluxos dominantes de mídia* criam padrões de beleza excludentes e racistas, que disseminam estereótipos. Por isso, a revista *Essence*, à qual Ifemelu recorre para se ver retratada e considerada enquanto leitora e público-alvo, é um exemplo de *contrafluxo* que se direciona a outros públicos e constrói narrativas dissonantes ao discurso hegemônico.

Essa falta de representação ou a representação estereotipada de mulheres negras já era destacada em 1981, por bell hooks (2020, p. 113-114), que evidencia que a mídia de massa, sobretudo a televisão, através da ficção, disseminava uma imagem negativa e distorcida das mulheres negras, predominando a de objeto sexual, prostituta, ou a figura maternal, ranzinza e acima do peso. Isso tudo em contraste com os estereótipos das mulheres brancas, loiras e atraentes. Chimamanda Adichie, ainda que oferecendo uma perspectiva contemporânea à situação, traz na ficção esse debate sobre a desvalorização da mulher negra na mídia e a diferença de representação entre as raças.

Depois disso, a protagonista escreve um e-mail para uma amiga, chamada Wambui, desabafando sobre a situação. Ao se deparar com a sinceridade das palavras da protagonista, Wambui aconselha que Ifemelu crie um blog e é desse episódio que vem uma de suas motivações:

Os blogs eram algo novo, não familiar para Ifemelu. Mas dizer a Wambui o que tinha acontecido não fora satisfatório o suficiente; ela ansiava por ouvintes e ansiava por ouvir as histórias alheias. Quantas outras pessoas escolhiam o silêncio? Quantas tinham se tornado negras nos Estados Unidos? Quantas sentiam que seu mundo era envolto em gaze? Ifemelu terminou com Curt algumas semanas depois, fez um cadastro no WordPress e criou seu blog. (ADICHIE, 2014, p. 320-321)

No blog, Ifemelu expõe experiências pessoais e discorre sobre raça, gênero, política, identidade, autoestima e até programas de televisão. O blog torna-se, assim, uma extensão dos pensamentos e atitudes da protagonista, que encontra naquele espaço uma maneira de construir e impulsionar seus próprios discursos. Um exemplo disso é quando Ifemelu questiona a forma como os programas de televisão de “transformação” são racistas:

Já viu como, nesses programas de televisão que transformam a aparência da pessoa, as mulheres negras sempre têm o cabelo natural (crespo, enrolado, pixaim) na foto feia do “antes” e como, na foto bonita do “depois”, alguém pegou um pedaço de metal quente e queimou o cabelo delas para ficar liso? (ADICHIE, 2014, p. 321-322)

Christensen (2013, p. 2400) afirma que as duas últimas décadas foram marcadas por mudanças políticas, econômicas e culturais que colocaram os discursos do “nacional” e do “Estado-nação” à prova. Segundo ela, dois fenômenos são a chave para isso: a globalização (e com isso os processos de desnacionalização material e simbólica) e a indústria (que expandiu o ambiente tecnológico, a “digitalização”). A autora fala, portanto, de *fluxos transnacionais*.

A internet, então, possibilita a Ifemelu transpor as fronteiras territoriais e geográficas, comunicar-se com outros imigrantes africanos e manter-se conectada à sua cultura. Eliza Araújo (2017, p. 80) constata que o blog é um registro da experiência migratória de Ifemelu, da diáspora. Segundo a autora, “é nesse contexto virtual, novo, anônimo, da possibilidade da interação com desconhecidos, que ela inicia uma trajetória com a palavra escrita e com uma espécie de autoconhecimento”. Ela cita também Miriam Puzzo (apud ARAÚJO, 2017, p. 81) para explicar que, com os novos gêneros textuais, advindos da evolução tecnológica, temos a inserção de um novo estilo de escrita e a apresentação de uma nova noção de tempo e espaço, já que é possível uma abrangência espacial transnacional.

Luana Thibes (2019, p. 74-75) recorre ainda ao conceito de *mídia radical* para tratar do blog de Ifemelu, já que este abarca “temas que não são amplamente abordados na mídia hegemônica”. Destaca ainda que o espaço virtual, para a personagem, torna-se “uma estratégia para se tornar visível novamente, [...] uma ferramenta de comunicação entre sujeitos na mesma situação, formando uma rede.” Thibes (2019, p. 77-78) discorre sobre o impacto das mídias alternativas, que oferecem ao público que discorda dos produtos veiculados pela mídia tradicional, assim como àqueles que passam a se questionar a partir do contato com produtos contra-hegemônicos, uma boa fonte de informações e resistência.

Quando volta à Nigéria, Ifemelu passa a trabalhar em uma revista feminina, chamada *Zoe*, mas logo passa a incomodar-se com as limitações da linha editorial da revista. Em consequência disso, ela pede demissão e cria um novo blog, para poder escrever sobre o que lhe mobiliza e acredita, sem precisar se adequar às regras pré-estabelecidas de um veículo de comunicação. Os blogs são esse espaço de fuga dos *fluxos*

dominantes de mídia e impérios de comunicação, onde Ifemelu encontra a liberdade para compartilhar suas narrativas diaspóricas.

Considerações finais

Este artigo buscou explorar as reflexões sobre mídia no romance “*Americanah*” (2014). Por acreditar que a ficção dialoga com a realidade e, mais ainda, que a literatura cria caminhos possíveis para pensar a comunicação e a cultura, destacamos trechos e cenas do livro que trazem à tona elementos como: programas, comerciais e noticiários de televisão, manchetes de jornais, filmes de Nollywood, revistas femininas e o blog de Ifemelu.

Ao inserir conteúdos midiáticos no enredo de sua obra, Chimamanda Adichie faz uma leitura crítica da mídia e impulsiona seus leitores a fazer o mesmo, olhando os conteúdos que consomem com mais cuidado e atenção. Possibilita, assim, a relação com os conceitos de *território, fluxos e contrafluxos de mídia e impérios de informação* aqui abordados. Através do contexto de imigração, pudemos comparar os fluxos e conteúdos de mídia na Nigéria e nos EUA, questionar discursos hegemônicos e imaginar novas mídias alternativas, como é o caso do blog de Ifemelu.

A literatura de ficção assume, então, um papel importante no questionamento crítico, tendo em vista o cenário de constante propagação e recebimento de fluxos midiáticos a que estamos expostos.

Referências

ADICHIE, C. N. **Americanah**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

ADICHIE, C. N. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ARAÚJO, E. de S. S. **Trançando histórias, tecendo trajetórias: a consciência diaspórica em *Americanah*, de Chimamanda Adichie**. Orientadora: Liane Schneider. 2017, 104 p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa. Versão eletrônica. Disponível em: <http://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/11937>. Acesso em: 21 jun. 2022.

CHRISTENSEN, M. TransNational Media Flows: Some Key Questions and Debates. **International Journal of Communication**, University of Southern California, Los Angeles, v. 7, p. 2400-2418, jan. 2013. Disponível em: <https://ijoc.org/index.php/ijoc/article/view/1879/1009>. Acesso em: 13 jul. 2022.

HAESBAERT, R.; PORTO-GONÇALVES, C. W. **A nova des-ordem mundial**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

HEYER, P.; CROWLEY, D. Introduction by Paul Heyer and David Crowley. In: INNIS, H. A. **The Bias of Communication**. 2nd ed. Toronto: University of Toronto Press, 2008, p. 25-42.

HOOKS, b. **E eu não sou uma mulher?:** mulheres negras e feminismo. 2. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

NEVES, T. C da C. A dramatização no telejornalismo. **Caligrama**, São Paulo, v.1, n. 3, 2005. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/caligrama/article/view/56696>. Acesso em: 07 jul. 2022.

SOUZA, M. L. de. “Território” da divergência (e da confusão): em torno das imprecisas fronteiras de um conceito fundamental. In: SAQUET, M. A.; SPOSITO, E. S. (org.). **Territórios e territorialidades:** teorias, processos e conflitos. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2009, p. 57-72.

THIBES, L. C. Representações midiáticas em *Americanah*: mídia radical alternativa a serviço do engajamento social. **Pindorama**: Revista Eletrônica Multidisciplinar do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA), Eunápolis, v.9, n.9, p. 70-80, abr./maio 2019. Disponível em: <https://asetore.ifba.edu.br/Pindorama/article/view/617/411>. Acesso em: 07 mar. 2023.

THUSSU, D. K. Mapping global media flow and contra-flow. In: **Media on the Move:** Global flow and contra-flow. London and New York: Routledge, 2007, p. 10-29.